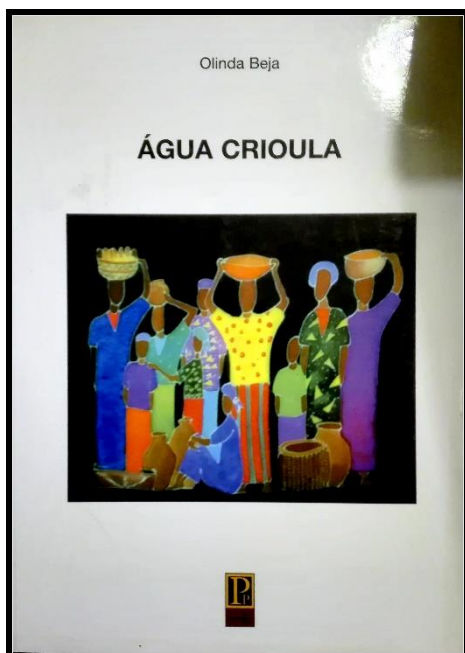


Água crioula, de Olinda Beja

Ana T. Rocha



Publicado pela editora *Pé de Página* (Coimbra), *Água Crioula* (2007) traz-nos a poesia da são-tomense Olinda Beja, organizada em três partes devidamente intituladas: “A falar de nós”, “A falar dos outros” e “A falar do amor”. Pese embora a divisão temática do livro, os poemas revelam uma harmonia inerente, sustentada, sobretudo, pelo tom de um sujeito e de um poeta são-tomenses. Isto é, aliada à melodia e ao corpo, as temáticas, profundamente

locais, lembram outras vozes da ilha, nomeadamente a de Conceição Lima.

O espaço e a sua história constituem o cenário presente em cada poema, do qual o sujeito nunca se desliga e com o qual, algumas vezes, se confunde: “é porque eu fiquei para lá bruma/ desfeita em espuma/ desfeita em mar (...) eu sou foz e sou nascente/ água corrente (...) eu fiquei em pensamento/ na voz do vento” (p. 80).

Apesar de cedo ter partido para Portugal, Olinda Beja, que nasceu na cidade de Guadalupe, traz a ilha em si, na sua voz e pensamento. Não são as referências a elementos culturais ou naturais as que melhor dizem da “santomensidão” que a poeta conta, mas sim o sentimento e reflexão enlaçados a esse espaço cultural, social e histórico. Um modo que traz o *leve-leve* para a poesia, reconhecível pela seriedade e serenidade na exploração de temas como a mestiçagem, a identidade, a memória e a hierarquia no valor das vidas humanas. Do *leve-leve* resulta, tal como na obra de Conceição Lima, uma poesia onde se sente a medida de cada palavra e a valorização dos seus artesãos: “e daqui a muitos anos/ quando se fizer nossa História/ apenas a voz dos Poetas/ ficará na memória/ e então se ouvirá/ o leve-leve da nossa voz/ que cantará...” (p. 44)

